

SÉRIES DE TELEVISÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA ESTRATÉGIA DIDÁTICA

TELEVISION SERIES IN GEOGRAPHY CLASSES: A DIDACTIC STRATEGY

- **Brunna D'Luise Turato Lotti Alves** (Universidade de São Paulo - brunna_dluiase@hotmail.com)

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo investigar o potencial educativo das séries para o ensino de Geografia apresentando as concepções de alunos da Educação Básica sobre a utilização desses recursos em sala de aula, bem como identificar as séries assistidas por eles, que podem ser explorados pelo professor em sala de aula. A pesquisa inseriu-se no contexto intraescola, a fim de identificar as representações sociais dos alunos e dos professores acerca do uso dessas novas tecnologias. A abordagem metodológica adotada foi de natureza qualitativa e a estratégia empregada foi dois estudos de caso, no qual se aplicou um questionário em duas escolas. A pesquisa foi desenvolvida com 5 turmas, sendo 4 de Ensino Médio de rede pública e 1 de Ensino Fundamental II de uma escola particular, localizados, respectivamente, nos municípios de Campina/SP e Jundiaí/SP. Os resultados apontam que as séries podem ser vistas como importantes instrumentos de mediação pedagógica a serem utilizados no ensino-aprendizagem de Geografia, podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento do raciocínio crítico do aluno. Contudo, deve ser pontuada a posição geográfica de cada escola, o que implicará em metodologias e conteúdos diferentes, visto em uma escola os alunos possuem acesso à internet, e na outra o acesso é reduzido.

Palavras-chave: Séries Televisivas, Aulas de Geografia, Raciocínio Geográfico.

Abstract:

This paper has the goal of investigating the educational potential of television series for the teaching of Geography presenting the conceptions of basic education students on the use of these resources in the classroom, as well as identifying the series watched by them, which may be explored by the teacher in the classroom. The research took place inside the context of the school, in order to identify the social representation of the students and teachers about the use of new technologies. The methodological approach adopted was of qualitative nature and the employed strategy was of case studies, in which a questionnaire was applied in two schools. The research was developed with 5 classes, being 4 from a public high school and 1 from a private middle school, located respectively in the municipalities of Campinas and Jundiaí. The results show that series can be seen as important instruments of pedagogical mediation to be used in the teaching of geography, therefore contributing to the development of the student's critical thinking. However, the geographical position of each school must be noted, which will imply in different methodologies and content, given that in one school students have access to the internet and in the other that access is reduced.

Keywords: Television Series, Geography Classes, Geographical Thinking.

1. Introdução e Objetivos

O objetivo deste artigo foi buscar o nexo entre as produções televisivas (séries) com o Ensino de Geografia, ou seja, entre artes e ciências. As aulas de Geografia deparam-se com produtos da indústria cultural, como, por exemplo, séries televisivas, fotografias e músicas. Isso é reflexo da sociedade atual, ou seja, dos avanços tecnológicos e da grande disponibilidade de informação disponibilizadas pela mídia (PONTUSCHKA, 2007).

É em virtude da rapidez que se deve ter para enfrentar situações diferentes a cada momento que se utiliza mais o processamento multimidiático e, por sua vez, os meios de comunicação, principalmente a televisão e suas diversas linguagens (MORAN, 2006).

A Geografia é uma disciplina indispensável para se entender o espaço geográfico, o que indica utilizar a realidade do aluno para a leitura e compreensão da análise espacial como uma construção histórico-social. Percebe-se, porém, muitas situações em que o ensino de Geografia está atrelado ao tradicionalismo. Segundo Bonfim (2006, p.107), para a maioria dos alunos a aprendizagem nas aulas se reduz somente à memorização, sem fazer referência aos parâmetros sócio espaciais.

Trazendo essa temática para a Geografia, Pontuschka (2007, p. 262) explica que a era da globalização possibilita a rapidez das informações por meio da televisão, rádio, computador e vídeos e o professor tem um papel importante como mediador, podendo enriquecer o seu trabalho com todos esses recursos para propiciar que o aluno compreenda o mundo em que vive.

O período técnico-científico-informacional está relacionado a um quadro social e econômico adverso. A sociedade, então, demanda por um ensino de Geografia diferenciado, que busque novas perspectivas de mundo e, com isso, um processo de construção do raciocínio geográfico no qual o aluno se aproprie dos conceitos da Geografia a partir da sua realidade.

Reafirmando tal conceito percebemos que ainda hoje muitos alunos pensam, assim como Lacoste (1993), que a Geografia ensinada na sala de aula é maçante, ou seja, o conhecimento adquirido possui escassa utilização na vida real fora da escola.

Esse ensino acaba por supor que o aluno é um ser neutro e sem cultura que não participa do espaço geográfico. Tal afirmação vai ao encontro das análises feitas por Resende (1986, p.20): “Se o espaço não é encarado como algo em que o aluno está inserido, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia tornar-se alheia para ele”.

Ainda na visão de Lacoste (1993) a Geografia escolar tem um discurso ideológico que mascara assuntos evidentes, como a utilidade prática da análise do espaço.

Segundo Monbeig (1957), um bom professor deve graduar as dificuldades e adaptar o ensino de acordo com os seus alunos, aguçando o espírito crítico e ajudando-os a raciocinar com método.

Seguindo a mesma perspectiva Moran (2006) afirma que o professor é um pesquisador em serviço: aprende com a prática e a pesquisa e ensina parte do que aprende.

Retomando as contribuições de Resende (1986), encontram-se alguns elementos capazes de contribuir com o diálogo. Acolher o aluno seria, de certa forma, redefinir a relação de ensino-aprendizagem. Estariam, assim, o aluno e o professor recriando a ciência geográfica.

Nesse caso, como explicitado acima, as séries de televisão podem vir a ser usadas no processo de ensino e aprendizagem, como proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A programação convencional de televisão, que em princípio não tem finalidade educativa, pode ser utilizada como fonte de informação para problematizar os conteúdos das áreas do currículo, por meio de situações em que o veículo pode ser um instrumento que permite observar, identificar, comparar, analisar e relacionar acontecimentos dados, cenários, modos de vida etc. (BRASIL, 1997, p. 143)

Dialogando com o PCN, os filmes/vídeos representam um método lúdico, sendo importantes, por exemplo, para ensino de geografia, uma vez que tornam as aulas uma experiência inovadora, suscitando novas dimensões de alfabetização.

Em relação às diversas formas de se alfabetizar, Vygotsky(2001b, p.351) discorre que a educação deve promover no próprio trabalho diferentes formas culturais, buscando desenvolver o máximo a apropriação dos indivíduos sobre essas;. No caso aqui estudado as séries. O ensino de Geografia, por fim, deve, segundo Carvalho(1945), preparar o estudante para compreender sua posição individual, relativa ao meio no qual vive, dando-lhe sentido de direção e localização em larga escala: desde seu cotidiano ao mundo.

Esta pesquisa apresenta um recorte da pesquisa da mestranda, a qual tem como foco instigar as possibilidades de incorporação e análise de estratégias de uso de séries nas aulas de Geografia.

2. Métodos

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de questionários. Foram escolhidas duas escolas com perfis opostos, uma de ensino particular, na qual se trabalhou com o 7º ano do Ensino Fundamental II matutino, e a outra de ensino público, com quatro turmas do Ensino Médio noturno, sendo duas de segundo ano, uma de primeiro ano e uma de segundo ano. Aplicou-se questionário com questões abertas e fechadas aos 13 alunos da escola particular e 55 alunos presentes na escola pública dos três anos.

A escola particular, devido ao perfil de empresa familiar, conta com poucos alunos por sala, o que justifica a quantidade de questionários. A escola pública, ao contrário,apresentar salas superlotadas, já que tinha 40 alunos matriculados por sala. No entanto, contava com a presença de um total de 17 alunos por sala, devido à evasão escolar.

No questionário foram feitas perguntas referentes ao tipo de série televisiva que o aluno assiste e por qual tipo de serviço ele tem acesso (TV aberta, TV a cabo, *Netflix* ou internet), buscando referenciais do perfil socioeconômico e, posteriormente, questionou-se qual relação os alunos veem entre as séries e as aulas de Geografia.

3. Resultados e Discussões

Para que a pesquisa não se pautasse somente nos referenciais teóricos e nos diversos materiais bibliográficos que tratam de novas linguagens no ensino de Geografia, incluiu-se como parte dos procedimentos a aproximação com a realidade escolar.

Uma das escolas estudadas se encontra no limite do município de Campinas com Sumaré no bairro Vila Olímpia. Em suma, nota-se que grande parte das famílias são desestruturadas, isso é, compostas somente por um membro da família. Os alunos que vão à escola são provenientes do bairro. A escola possui três anos, porém até a presente data não havia sido inaugurada.

Em relação à infraestrutura, a escola dispõe de quadra, biblioteca e sala de informática (porém sem os computadores).

Em diálogos com os professores, nota-se que a escola acaba sendo extensão da rua, devido aos alunos trazerem os problemas e brincadeiras para o ambiente escola.

O Índice do Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do bairro Olímpia em relação à educação mostrou que os anos de estudo no bairro correspondem a 8,92 anos enquanto no município de Campinas é de 10,1 anos.

Abaixo, é possível ver na tabela 1 de IDHM de Educação as proporções de crianças e jovens frequentando ou tendo completado o ciclo, o que indica a frequência escolar entre a população em idade escolar. A proporção de crianças de 5 a 6 a 6 anos na escola é de 95,08% em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando o ensino fundamental II é de 86,02%. Já a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é 22,92%, o que justifica tamanha evasão notada na pesquisa.

Tabela 1. Índice de Desenvolvimento Humano do Bairro

	2000	2010
IDHM Educação	0,305	0,540
% de 18 anos ou mais com fundamental completo	22,57	37,91
% de 5 a 6 anos na escola	47,49	95,08
% de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental REGULAR SERIADO ou com fundamental completo	60,12	86,02
% de 15 a 17 anos com fundamental completo	24,65	54,15
% de 18 a 20 anos com médio completo	9,67	22,92

Fonte: PNUD, Ipea e FJP, 2017

A pesquisa foi feita com quatro turmas sendo duas de segundo ano, uma de primeiro ano e a outra de terceiro.

No entanto, a realidade da escola particular em Jundiaí é diferente: localizada em um bairro de classe média, os alunos provêm de bairros vizinhos, sendo uma escola de cunho familiar, ou seja, pequena, cuja existência é de 27 anos.

No início, o colégio possuía somente educação infantil. No entanto, atualmente já não conta mais com ela, mas sim com fundamental I e II. A escola possui um projeto educacional que pretende aumentar as séries de acordo com as primeiras turmas que lá estão. O ensino fundamental II, portanto, é formado pelo 6º e 7º ano.

Tendo em consideração a infraestrutura, a escola possui uma quadra, sala de vídeo e biblioteca. Os alunos são em pequeno número, em média por sala há 13 ou 14 alunos. Na parte da manhã funciona o ensino fundamental I e II e à tarde somente o I.

Já na escola particular, o questionário foi aplicado para 7º ano em uma classe de 13 alunos.

Iniciou-se a pesquisa averiguando por qual serviço os alunos assistem as séries. Na escola pública, dos 55 questionários respondidos, 18 dos alunos responderam que não assistem séries, como pode ser observado nas figuras 1 e 2.

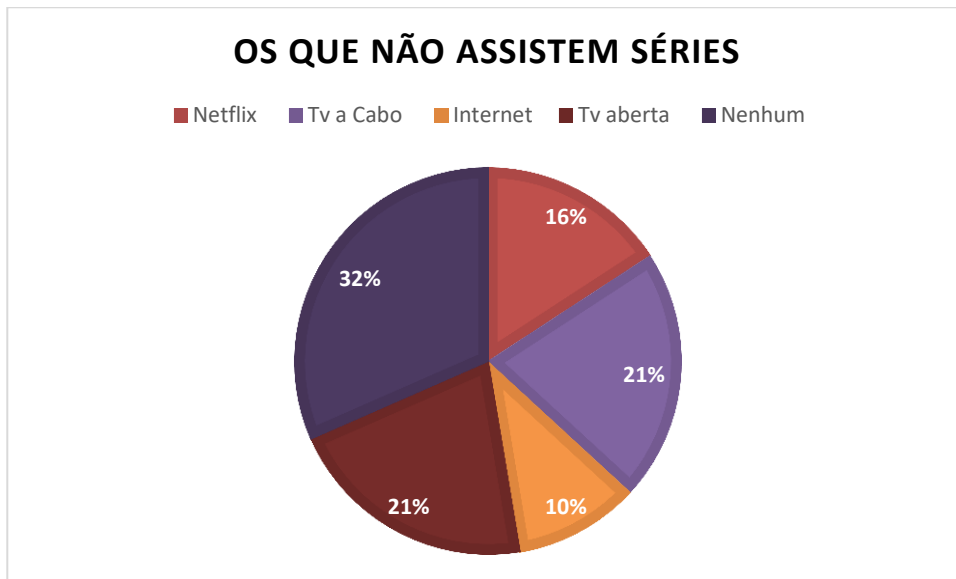


Figura 1. Serviços que os alunos que não assistem série possuem
Fonte: Brunna Alves, 2017

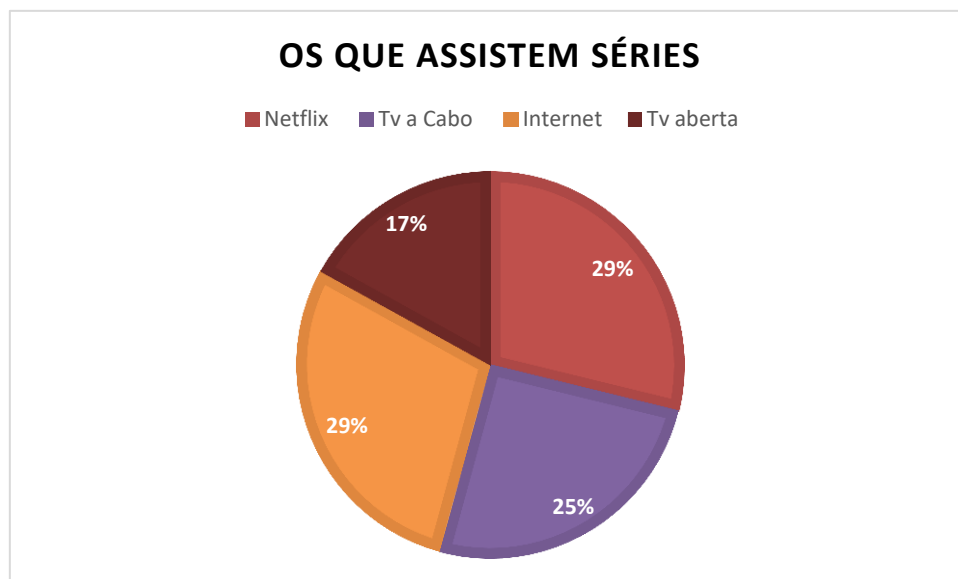


Figura 2. Serviços que alunos que assistem série possuem
Fonte: Brunna Alves, 2017

O questionário feito aos 55 alunos sobre quais serviços eles possuem ajudou a perceber que 32% dos alunos que não assistem série não possuem nenhum tipo de serviço e 21% possuem Televisão Aberta.

No entanto, o percentual dos que assistem série mostra que 29% possuem Netflix e 29% assistem pela Internet.

Na escola particular os dados foram diferentes:

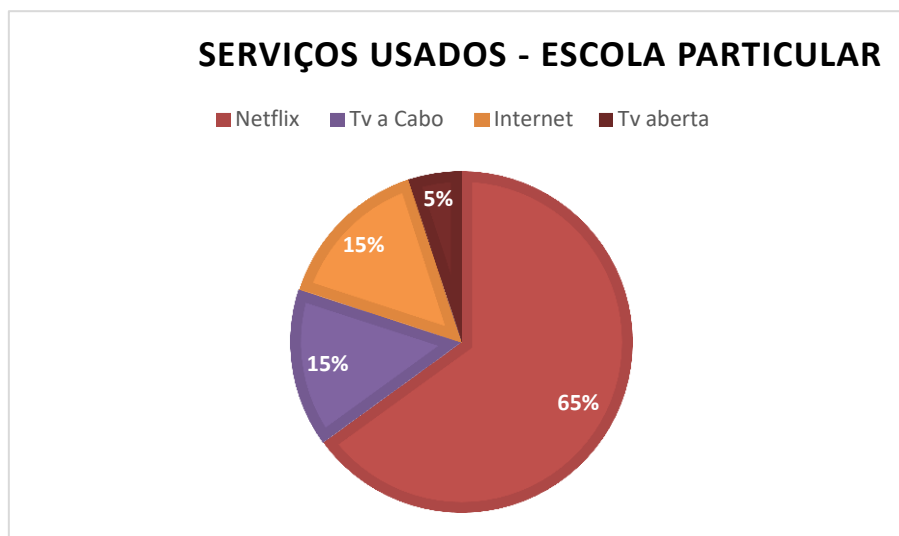


Figura 3. Serviços que os alunos que assistem série possuem
Fonte: Brunna Alves, 2017

Grande parte dos alunos possui *Netflix* ou mesmo acesso à internet, o que se torna um facilitador para que todos os alunos sejam telespectadores de séries.

Em relação aos tipos de séries que os alunos assistem, percebeu-se a sua heterogeneidade. Na escola pública foram contabilizados 26 títulos diferentes, sendo possível agrupá-los no gráfico a seguir:

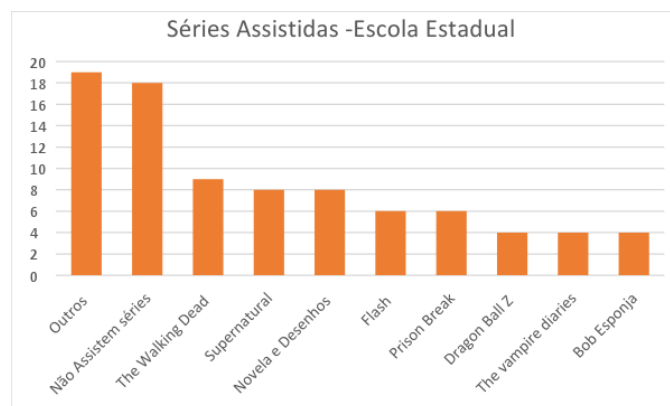


Figura 4. Séries Assistidas
Fonte: Brunna Alves, 2017

Dos 55 questionários, 18 alunos não assistem séries, 8 classificaram série como novelas ou desenhos animados e 19 alunos assistem séries das mais diversas possíveis. Na sua grande maioria, 9 alunos assistem *The Walking Dead*, seguido de 8 que veem *Supernatural* e as séries *Flash* e *Prison Break* empatam com 6 telespectadores cada.

Na escola particular, todos assistem séries, os alunos assistem até mais que uma. O gráfico abaixo mostra tal heterogeneidade:

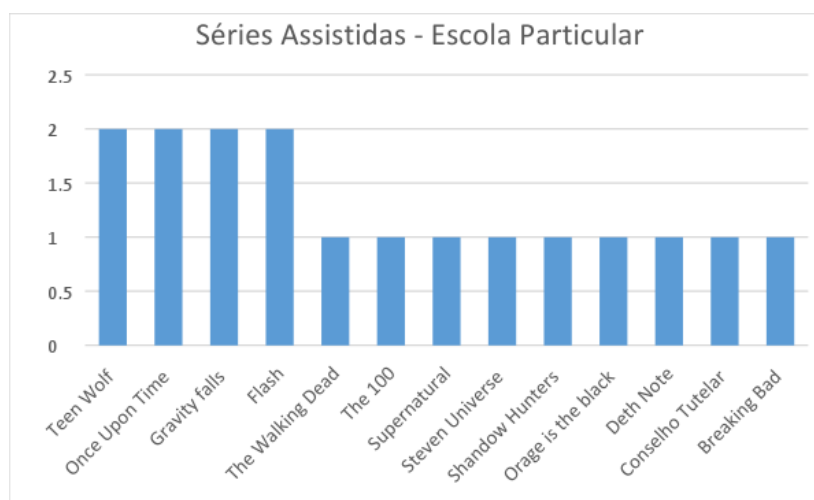


Figura 5. Séries Assistidas colégio Particular

Fonte: Brunna Alves, 2017

As séries assistidas observadas foram: *Teen Wolf*, *Once Upon Time*, *Gravity Falls* e *Flash*. Todas elas possuindo um total de dois votos cada.

Devido à diferença de faixa etária, percebe-se a diferença entre a temática das séries: a escola pública remete ao gênero Drama e a escola particular à Fantasia.

Questionando os alunos sobre esta pesquisa, eles diziam ter familiaridade com as séries, o que tornaria as aulas de Geografia mais interessantes.

4. Considerações finais

De acordo com a pesquisa realizada nas duas escolas, foi possível verificar que o fator socioeconômico interferiu na análise dos resultados, sendo que um terço dos alunos da escola estadual não possuem o hábito de assistir séries. Porém, nas duas escolas, os dados mostram que as séries poderiam ajudar no processo de ensino e aprendizagem da matéria de geografia.

A série televisiva seria um elemento interessante também pelo fato de que atrairia a atenção dos jovens mais que as aulas e exposições orais realizadas pelo professor em sua sala de aula.

É interessante pontuar, que o sentido de localização foi bem explícito na pesquisa. Uma escola localizada em um bairro periférico possui uma identidade diferente de outra de classe média. As problemáticas também são diferentes e a busca de soluções deve ser pontuada de acordo com a realidade que as cercam.

A partir desta experiência construída, é necessário estabelecer um olhar diferenciado do cotidiano das escolas, visto que existe um perfil de aluno de classe média, no qual todos possuem acesso à internet, e outro em que o acesso é reduzido.

Nesse processo, as séries usadas em aula podem vir a ser um elemento interessante, porque alguns alunos podem não ter acesso às mesmas por outros meios e também podem ser vistas como um importante mediador pedagógico em que deve ser pontuada a posição geográfica de cada escola, o que implicará em metodologias e conteúdos diferentes a serem abordados em aulas.

5. Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília MEC/SEF, 1997.

BOMFIM, Natanael Reis. A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. **Revista Estudos Geográficos**. Rio Claro, junho 2006. p. 107-116.

CARVALHO, D. O sentido geográfico. **Boletim Geográfico**, ano III, nº 25, abril de 1945.

LACOSTE, Yves. Uma disciplina simplória e enfadonha? In: LACOSTE, Yves. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1993. p. 21-30.

MONBEIG, Pierre. Papel e Valor do Ensino de Geografia e de sua pesquisa. In: MONBEIG, Pierre. **Novos Estudos de Geografia Humana**. São Paulo: Difel, 1957. p. 5-25.

MORAN, José Manuel et al. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas. In: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida;

MASETTO, Marcos T. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2006. Cap. 1. p. 11-66

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do Aluno Trabalhador: Caminhos para uma prática de ensino**. São Paulo: Loyola, 1986. 179 p. (Coleção Educação Popular).

VYGOSTKY, L S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo. Martins Fontes, 2001b.

(secretaria@cietenped.ufscar.br)

Realizado por:



Parceiros:



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO DA UFPA

Apoio:

